

Para o professor José Bento Ferraz, da USP, o que a pecuária brasileira precisa fazer, ainda, é....

Genética para carne *commodity*



LARISSA SARAIVA

com bovinos Nelore da Agro-Pecuária CFM, que continua até hoje.

Consultor de criadores, empresas e associações de raça, Bento fala nesta entrevista – concedida aos jornalistas **Maristela Franco** e **Moacir José** – sobre os desafios dos pecuaristas na área de genética e em outras.

Moacir – Como foi o início do trabalho com a CFM?

José Bento – Eles queriam melhorar o gado, porque a empresa tinha de dar resultado; eram umas 20.000 vacas. O Joanir e eu dissemos para o [Joseph] Purgly [presidente da CFM à época]: “A gente sabe como fazer, só não tem equipamento”. Ele perguntou o que a gente precisava e pedimos um computador com 128 mega de memória – que hoje não é nada. O primeiro Pentium de Pirassununga foi nosso. E o primeiro Pentium da Universidade de São Paulo também foi nosso, patrocinado pela CFM.

Moacir – Na época, o que se buscava em melhoramento?

José Bento – A CFM sempre foi uma empresa pioneira. Além de serem ingleses e eles tinham de pagar para o acionista na Inglaterra 8% do capital investido em dólar por ano no mundo inteiro. E eles tinham gado comercial, Nelore, cruzamento e não encontravam touros para comprar. Era uma “caixa preta”. Então resolveram começar a selecionar touros.

Maristela – A CFM só tinha gado PO?

José Bento – Tinham PO e não PO. Começamos com os dois. E aí se percebeu rapidamente que o gado não registrado deles era melhor do que o registrado. E na mesma época, o [Luiz Alberto] Fries tinha conseguido junto ao Ministério da Agricultura, com o Valmoré Lacorte, secretário de Produção Animal, e com o Jader Giacomini [do Departamento de Fomento de Produção Animal] uma autorização especial num negócio chamado Ceip (Certificado Especial de Identificação e Produção). E o Ceip foi a grande revolução na pecuária brasileira, porque seu conceito é o de que pouco importa se o animal é registrado ou não; ele precisa ser avaliado e ser incluído entre os superiores dentro de um certo critério que o projeto define. Aí refizemos o projeto da CFM e começamos a trabalhar pesado. O que a CFM queria era crescimento. E a pergunta que a pecuária precisa fazer hoje é: quem paga a conta? Resposta: crescimento, desmama, crescimento após a desmama, musculosidade e perímetro escrotal, que tem uma certa relação com fertilidade. A CFM focou nisso e está nisso até hoje.

O professor José Bento Serman Ferraz, da USP de Pirassununga, é uma dessas pessoas que não têm “papas na língua”. Gosta de falar o que pensa, suscitando polêmicas. Por exemplo, é crítico da adoção das novidades da genética – entre elas a genômica – sem que antes os criadores tenham feito “a lição de casa”, que é ter uma estrutura alimentar na fazenda, manejo e mão de obra especializada, para só depois partir para tecnologias mais refinadas.

É uma das grandes referências quando o assunto é melhoramento genético, área em que divide com seu colega Joanir Eller, da mesma Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, a condução de importantes programas em raças bovinas, sua especialidade.

Formado veterinário na USP, em 1977, fez mestrado em genética em 1980, e doutorado na mesma especialidade pela USP, campus de Ribeirão Preto. Ainda no curso de graduação, foi aluno de Raysildo Lôbo, idealizador do programa de melhoramento genético da raça Nelore. “Ele que botou minhoca na minha cabeça, de que eu deveria fazer pós-graduação”, lembra.

Começou a carreira fazendo melhoramento em coelhos e depois suínos, trabalhou num frigorífico no nordestino Estado de Sergipe, onde ficou até 1988. Voltou para São Paulo e ingressou na FZEA, em Pirassununga. Três anos mais tarde, em 1991, foi para o Estado de Nebraska, nos EUA, para fazer um pós-doutorado, também em genética. Voltou em 1992 e, dois anos mais tarde, iniciava o trabalho de melhoramento

Maristela – Esse trabalho sempre foi de consultoria, né?

José Bento – Sim. E nós sempre fomos muito criticados por isso, porque trabalhávamos com as empresas. Mas ou a universidade se aproxima do meio produtivo ou vai ficar estudando o “sexo dos anjos”.

Moacir – Qual é o limite de contribuição que um professor de universidade pública pode dar para a iniciativa privada?

José Bento – A USP tem uma autorização para que qualquer professor possa dar consultoria de oito horas por semana.

Maristela – Hoje você presta consultoria para quantos projetos?

José Bento – Já dei consultoria para o setor de ovinos, para as raças bovinas Marchigiana, Santa Gertrudis, Caracu, além do Montana, a CFM, e a Mundo Novo [ambas de Nelore]. O problema é que muita gente não se preocupa em fazer avaliação para conseguir a melhor genética. Estão interessados em vender o que têm. Essas raças mais novas, adaptadas, que não fazem avaliação genética direito, estão vendendo qualquer coisa como touro.

Moacir – O que você avalia quando você vai fazer uma consultoria?

José Bento – O grande avanço de um trabalho de melhoramento animal chama-se organização. Quando o cara se organiza, ele começa a perceber o tanto de coisas erradas que ele está fazendo. Se você não tem uma escrituração bem-feita, não sabe o que tem dentro de casa, as vacas que não produzem. Um pessoal de uma certa raça me procurou dizendo que queriam fazer genômica. Eu perguntei: genômica de quê? Responderam: “Genômica, uai, tá todo mundo fazendo...” Eu disse: você não vai fazer, porque você não sabe o que tem. Vai escriturar primeiro...

Moacir – Num caso desses, você pode ter um animal que não está produzindo por causa de nutrição ou por causa da genética. Como você descobre isso?

José Bento – Tem de ir ajustando as coisas todas. Primeiro, o produtor organiza a fazenda, os pastos, a escrituração; depois eu começo a fazer a avaliação genética; depois vêm os acasalamentos.

Maristela – Ele tem que estar num programa de melhoramento?

José Bento – Sim. Mas ele também pode fazer um programa intrarrebanho, que é uma avaliação só dos animais dele, mas que funciona muito bem. Ele só perde ao deixar de ter a referência de comparação com os outros. Mas se ele fizer um bom trabalho, andará mais rápido do que os outros. Tem gente boa e forte entrando nisso.

Moacir – O que deve orientar a seleção?

José Bento – O foco é naquilo que paga a conta. Co-

meçou a virar moda agora a seleção de Nelore para marmoreiro. Marmoreiro significa acúmulo de gordura. Um acúmulo de tal nível que o bicho começa a acumular dentro do músculo. Então, o animal para fazer isso, em primeiro lugar, tem de ser adulto. Animal jovem não acumula. Em segundo lugar, ele tem que comer muito. Gordura só vem quando você come mais do que precisa. Então você vai fazer gordura em Nelore que já não é um bicho de muita gordura. E em pastagem tropical, onde 70% está degradado? Não vai fazer; fica muito caro.

Moacir – Mas os frigoríficos estão pressionando cada vez mais na questão do acabamento...

José Bento – Tudo bem. E eu quero carne de Nelore que desmamou e vai para o pasto, dá uma crescadinha, pega um pouco de músculo, marmorizado. Essa carne é 10 vezes melhor do que a de outras raças. Porque ela tem gosto, tem consistência. Quanto você paga a mais por isso? Não fiz as contas e nem quero fazer. O Angus está tendo problema de marmoreio. E é uma raça selecionada para isso há 200 anos.

Moacir – Que tipo de problema?

José Bento – Principalmente porque eles querem matar o bicho jovem pra dar maciez, mas o bicho não tá maduro. Se ele não chegou na maturidade, ele não vai pôr marmoreio. O pessoal do Nelore está conseguindo marmoreio com três anos e meio, quatro anos. Você quer fazer isso? Um ano e meio a mais do que o Angus? A CFM mata o rebanho dela todinho com 24 meses, estourando um pouco mais.

Maristela – Mas vale a pena você selecionar e identificar esse animal?

José Bento – Por quê? Quem vai pagar? “Ah, você é retrógrado, não está olhando para o mercado futuro, de qualidade, porque os EUA vão inundar nosso mercado de pedidos...” Vai nada! Vão ser só alguns contêineres por ano. Porque o nosso negócio é carne barata e em quantidade. Não sofistica muito não. Essa é minha posição. A pecuária brasileira tem vários problemas. Por exemplo. Qual é a taxa média de desmama do Brasil? 65%. Uma pecuária em que de 100 vacas só 65 desmamam bezerros está quebrada. A pecuária é atrasada, improdutiva. Os pastos estão acabados.

Moacir – Existe um teto para o consumo de carne gourmet?

José Bento – Você paga R\$ 80 num corte de dianteiro? Pode pagar de vez em quando. Mas não é o nosso normal. Eu não dou conta.

Maristela – Você pode ter foco num nicho....

José Bento – Pode. Mas meu negócio é *commodity*. Meu melhoramento genético é para isso. Semana que vem vou para um lugar em que o produtor vende 150 animais de 14 a 16 meses por semana, para três supermercados de alta qualidade. São 8.000 por ano.

“

Dizer que uma fêmea Nelore é tardia é uma meia verdade. Ela é uma fêmea muito mal criada.

Os animais são abatidos mais cedo; o produtor perde uma fase do crescimento deles, mas está recebendo por isso.

Moacir – Desmamar bem o que é? 200 kg?

José Bento – Mais um pouco: 210, 220 kg. Com suplementação, 230 a 240 kg.

Maristela – Avançamos nessa área?

José Bento – A pecuária brasileira é composta de um grupo fantasticamente produtivo, que desmama 85%, 87%, qualidade espetacular, e o grupo de subsistência, que tem média de 65% de desmama.

Maristela – Porque não conseguimos difundir essa genética direito...

José Bento – Veja bem: o Brasil precisa de 600 mil tourinhos de reposição por ano. São 75 milhões de vacas; um touro para cada 25, dá 3 milhões de touros, 20% de reposição, dá 600 mil. E quanto se vende entre PO e Ceip? 35.000 por ano; 6% da reposição é avaliado. Mas isso não quer dizer que seja touro superior. Os de Ceip são superiores; os registrados, não necessariamente.

Maristela – Falta informação?

José Bento – O pecuarista não é tonto. Mas ele não compreendeu que aqueles R\$ 3.000 ou R\$ 4.000 de diferença que ele paga por um touro melhor são recuperados na primeira desmama. O problema é que a maioria não tem condição ambiental para ter um touro mais produtivo. Estou falando de comida. É que nem diz o doutor Fernando Penteado Cardoso, com seus cento e tantos anos: “você quer trabalhar com pecuária? Primeiro, cuide da comida do boi; depois venha conversar comigo.”

Maristela – Teria que saber inclusive comprar o touro adequado para ele....

José Bento – Sim. E aí entra outra história, que é um perigo desgraçado: O Brasil virou fã do termo “tope”. “Eu só quero comprar o tope 1%”. Tope do quê? Pode ser tope em algumas coisas e “rabeirão” em outras. Então, depende do critério de cada um e o pecuarista tem de entender isso.

Moacir – Os touros dos programas de melhoramento genético não são caros para o produtor?

José Bento – O que é caro? Por que as empresas compram touro de R\$ 10 mil? Porque se paga no primeiro ano de utilização. É questão de custo-benefício. O que falta no Brasil não é subsídio; é você permitir que um produtor pequeno ou um grupo de produtores comprem um touro de R\$ 8.000, que já é um touro top 5%, para usar no rebanho. Porque, assim, ele fica com a fêmea e o nível genético do rebanho começa a subir.

Moacir – E o peso ao nascer?

José Bento – Já tem uns 20 anos que a gente vem alertando o pessoal de que está aumentando o peso ao nascer. De que tem que monitorar isso, que temos de tomar muito cuidado, porque está difícil achar touro que transmita peso baixo ao nascer. Há dois dias me disseram que a situação está crítica: numa fazenda já tiveram de fazer 25 cesarianas este ano, perderam animais, concluíram que o touro “x” não dá, o “y” também não. Conferi e, realmente, os melhores touros, tope de leilões, praticamente são todos deca 9 ou 10 para peso ao nascer. No campus de Pirassununga, perdemos seis novilhas este ano.

Maristela – Quer dizer que o Nelore está tendo problema de parto?

José Bento – Muito.

Moacir – Mas essa é uma questão para a genética, não?

José Bento – É, mas está difícil achar touro bom de crescimento e bom de peso ao nascer.

Maristela – Nunca se deu importância pra isso; facilidade de parto sempre foi uma das principais características da raça...

José Bento – Foi. Mas agora está generalizado. Tem bezerro Nelore nascendo com 80 kg! Ou não nascendo. De 60 kg tem de monte. Está um “pepinaco”, ainda mais com novilhinha. Você arrebenta a novilha. É um problema seríssimo no Nelore.

Maristela – Nos programas de Ceip também?

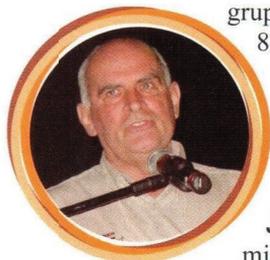
José Bento – Todo mundo, até os de intrarrebanhos.

Moacir – E como se resolve isso?

José Bento – Aí tem uma novidade: Nelore importado da Índia. Dois grupos que importaram: o do Jonas Barcellos e o grupo JOP, que era o José Carlos Prata Cunha, Orestinho Tibery e o Pedro Novis. O Nelore JOP adotou um critério de seleção muito legal: foram para as provas de puxar pedra [uma junta de bois puxando pedra de duas toneladas, competição na região de Ongole], olhavam o touro campeão, sua conformação, e iam atrás da mãe dele. Aí, se a mãe estivesse na vila é porque ela era boa leiteira, porque vaca solta é ruim de leite. Então, compraram as mães dos touros e trouxeram embriões delas. É um gado mais baixo, mais troncado, superfértil, superprecoce, baixo peso ao nascer. Esse gado poderá ajudar a resolver o problema. Quando começar a nascer bicho de 27 kg a 30 kg, esse gado vai se valorizar.

Maristela – Você tem afirmado que a precocidade sexual será cada vez mais indispensável. Novilhas prenhas aos 12 meses em projetos avançados. Essa idade é o limite?

José Bento – Hoje alguns grupos conseguem 65% de prenhez, outros dizem que conseguiram 82%... É a



O geneticista Luiz Alberto Fries foi o precursor dos programas de Ceip



Joanir Eller, colega da USP Pirassununga e parceiro em projetos de melhoramento.

tecnologia mais moderna que tem. Quem está conseguindo acima de 60% de prenhez é porque está usando hormônio [para indução de cio]. Isso não tem problema nenhum. É hormônio que usou e depois é eliminado.

Maristela – Mas tem gente que questiona isso. Achem que “maquia” a seleção...

José Bento – Estamos falando em precocidade sexual de 12 a 14 meses. Por que não pode usar, se a tecnologia mudou? O sinal de precocidade pra mim é a novilha emprenhar. Se ela não está pronta, não vai emprenhar, nem com hormônio.

Maristela – Pode usar indutor de cio para identificar as chamadas precocinhas?

José Bento – Pode. É aquela que fica precoce diante de um estímulo hormonal.

Maristela – A gente só pode comparar quem faz com hormônio com quem faz com hormônio.

José Bento – Mas aí também é um problema de custo-benefício. O custo da IATF baixou. Como, em tese, os touros utilizados em IATF são os melhoradores que estão nas centrais de inseminação e, normalmente, são os de Ceip, mais baratos, custam R\$ 20 a dose, enquanto a dose do touro bam bam bam, que ganhou exposição, custa R\$ 70 ou R\$ 80. Então, o pecuarista de IATF não vai usar esse sêmen. Agora, precocidade não é para todo mundo.

Moacir – Por causa da nutrição?

José Bento – Não é isso, não. Quem paga a conta da pecuária é o ganho genético por ano, que é representado por uma fórmula, uma fração. Na parte superior da fração está a acurácia, no denominador está o intervalo de gerações. Se você não souber balancear o denominador, estará andando para trás – ou mais devagar. O que bons programas estão fazendo é tentar emprenhar as melhores novilhas mais cedo, com sêmen de touros mais jovens, para diminuir o intervalo entre gerações e andar mais rápido. A precocidade sexual tem uma vantagem fenomenal para qualquer criador: garantir que, após os 12 a 14 meses, as fêmeas continuem ciclando e permita que, quando chegar a estação de monta, a maioria delas emprenhe. É uma seleção para fertilidade, muito antes de ser uma seleção para precocidade.

Maristela – Avançamos nisso?

José Bento – O avanço foi fenomenal. Mudou a tecnologia de produção. Porque você tem um rebanho muito mais produtivo. Aumenta o número das melhores vacas. E quais são elas? Aquelas que emprenham primeiro na estação de monta. Porque são as primeiras a parir, as primeiras a desmamar e as que primeiro desancam para o parto seguinte. Ou seja, que terão me-

lhor condição corporal. Transmitir precocidade sexual tem de ser critério de exclusão: se não é touro precoce, não quero.

Maristela – Você costuma dizer que genômica não serve para nada se não tiver informação. Explique um pouco mais.

José Bento – Genômica nada mais é que você pegar informação sobre o genótipo do indivíduo, que foi genotipado de acordo com certa tecnologia, e pegar aqueles milhares de Snips, ou seja mutações pontuais do genótipo, e relacionar com a característica medida. A única vantagem é a seguinte: quando eu uso a genômica para estimar o valor que o animal tem para transmitir para sua descendência, isso é uma segunda fonte de informação sobre a mesma característica. O que acontece? Um tourinho jovem sai de uma acurácia de 30%, 28%, vai para 55-60%. Acurácia de 60% ele conseguiria com 15 a 20 filhos, lá na frente, com seis anos de idade. Então, se a equação de ganho genético por ano, o intervalo de gerações é denominador e a acurácia, numerador, eu estou diminuindo a idade e aumentando a acurácia. Praticamente dobro o ganho genético.

Maristela – Mas a genômica é uma ferramenta auxiliar...

José Bento – Totalmente. Foi a conclusão de uma reunião ocorrida em outubro, em Madison, Wisconsin, EUA: gastou-se uma fábula de dinheiro com a genômica, mas ela não trouxe o que se esperava. Melhorou um monte de coisas, mas não avançou na velocidade que se queria.

Maristela – Quer dizer que ela empacou?

José Bento – Não, ela não chegou lá na ponta. Por exemplo: quem está na frente no uso da genômica: a Delta Gen, a Jacarezinho, o pessoal do Hereford e Braford, a CFM... E o principal impacto agora vai ser na acurácia dos touros jovens e das doadoras jovens, de tal forma que se pode comprar um tourinho com muito menos risco de ele mudar.

Maristela – E a inseminação artificial, por que é tão pouco utilizada?

José Bento – Porque tem um problema muito sério, que se chama inseminador. Quem é que quer morar no campo hoje? O cara quer, para ganhar R\$ 2.000 ou R\$ 3.000, mas a mulher dele não quer. Quando nasce filho, tem que levar o filho pra cidade. Então, ele larga o emprego de R\$ 3.000, com casa, água, luz, carne, leite, que somados dão R\$ 4.000, e vai morar na cidade e ganhar R\$ 1.050. Os Estados Unidos inseminam 5,5% – 6% das vacas, porque o cara ganha uma grana: Austrália, 5%, porque o peão vale US\$ 200 por dia. O Brasil é o país que mais insemina em gado de corte. No gado de leite, todo mundo insemina 98%; nós inseminamos 10-12%. Mas é o máximo. Estão dizendo que vai dobrar, mas não vai não. ■



“

A precocidade sexual tem uma vantagem fenomenal para qualquer criador: aumentar a probabilidade de prenhez do rebanho.